

**UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

**TRÁFICO DE DROGAS E O PRIMEIRO SEGMENTO DA EDUCAÇÃO**  
**PÚBLICA FUNDAMENTAL**

**CARLA ANDRÉA DIAS CELESTINO**

**PROF. ORIENTADOR: DIÓGENES**

**Rio de Janeiro**

**2002**

**UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

**TRÁFICO DE DROGAS E O PRIMEIRO SEGMENTO DA EDUCAÇÃO  
PÚBLICA FUNDAMENTAL**

**CARLA ANDRÉA DIAS CELESTINO**

Monografia apresentada à Escola de  
Educação da Uni-Rio para obtenção do grau  
parcial em pedagogia.

**Rio de Janeiro**

**2002**

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me permitido caminhar e chegar onde cheguei. Agradeço também a minha amiga e diretora Ângela Maria Chisté por ter me dado a oportunidade de me aperfeiçoar, compreendendo minha necessidade de tempo para os estudos.

Dedico o alcance de mais essa vitória em minha vida à minha mãe, que sempre me apoiou nas atitudes e decisões que tomava, procurando me alertar quando muitas delas pareciam infundadas, mas nunca deixando de me dar o respaldo necessário para prosseguir, me recordando Marx: "Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado". (Marx, O 18 Brumário de Luis Bonaparte).

“Próprio do homem é a procura da verdade”

“A natureza pôs em todo o ser animado o instinto de conservação, para defender seu corpo e sua vida, para evitar o que prejudica todo o necessário com que viver: o alimento, o abrigo, e outras coisas desse gênero. Deu, a cada espécie, nos dois sexos, uma atração mútua que os leva à multiplicação, e certo cuidado de sua prole. Mas há diferença entre o homem e o animal; pois este obedece unicamente aos sentidos, só vive o presente, o que está diante dele e não tem qualquer sensação de passado e futuro. O homem, ao contrário, com a ajuda da razão, que é seu galardão, percebe as conseqüências, a origem, a marcha das coisas, compara-as umas com outras, liga e reata o futuro ao passado; envolve, de um golpe de vista, todo o curso de sua vida, e faz provisão do necessário para iniciar uma profissão.

É ainda recorrendo à razão que a natureza aproxima os homens, fazendo-os conversar e viver em comum. Inspirando-lhes particular ternura pelos filhos, fazendo-os desejar reuniões e manter sociedade entre si: por esses motivos ela os anima a procurar todo o necessário para conservação e as comodidades da vida, não somente para si mesmos, como para seu companheiro, seus filhos e todos aqueles que eles amam e devem proteger. Esses cuidados trazem o espírito desperto, tornando-os mais capazes de agir.

Mas, o que é, sobretudo, próprio do homem, é a procura da verdade. Assim, logo que nos livramos de cuidados e negócios, desejamos ver, entender, aprender qualquer coisa; pensamos que o conhecimento dos segredos ou das maravilhas da natureza é indispensável à felicidade; procuramos ver o que é verdadeiro, simples e puro, e conveniente à natureza do homem. Nesse amor à verdade encontramos certa aspiração de independência, fazendo o homem bem-nascido não desejar obedecer a ninguém, sendo aquele que o instrui, e o dirige, no interesse comum, de acordo com a justiça e as leis; daí nasce a grandeza da alma e o desprezo das coisas humanas”.

CÍCERO, Marcos Túlio. Dos deveres. São Paulo, Saraiva, 1963.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPITULO I. CRIME ORGANIZADO – TRÁFICO DROGAS.....	13
CAPITULO II. O TRÁFICO DE DROGAS X INFÂNCIA E JUVENTUDE.....	21
2.1 O Menor e a Criminalidade.....	21
2.2 Escola X Tráfico de Drogas.....	27
CONCLUSÃO.....	32
BIBLIOGRAFIA.....	35



## INTRODUÇÃO

Temos como questão central desta monografia a seguinte interrogação: Como o tráfico de drogas interfere na vida escolar do aluno; nas práticas pedagógicas dos professores e na percepção do sentido de seu trabalho?

Com base nesta interrogação, o objetivo desta pesquisa é investigar a interferência do tráfico de drogas na vida escolar do aluno de espaço popular (comunidades carentes, usualmente denominadas de favelas ou simplesmente comunidades) e pensar se há por parte dos profissionais uma sensação de resignação quanto ao que podem fazer num meio tão hostil ou se, ao contrário, sentem a urgência de fazer mais e melhor para tentar “salvar” esses alunos da influência do crime.

É importante que se estude este tema, pois temos muitas pesquisas em torno do assunto “Drogas e Educação”, no sentido de retirar o aluno do mundo das drogas, tendo-se como principal ponto de partida o estabelecimento de uma zona escolar livre das drogas. E o que fazer quando a própria escola está inserida em uma área totalmente dominada pelos traficantes e suas facções?

Os estudos sobre Drogas e Educação perdem grande parte de sua valia quando apresentam soluções para o problema, tais como estabelecer limites geográficos da zona escolar e inserir campanhas anti-drogas no projeto pedagógico da escola, quando se trata de um aluno que vive e estuda numa área carente (favela), na qual o domínio do tráfico de drogas é visto como “mercado de trabalho” que emprega crianças e adolescentes que mal têm o que comer, que é uma ameaça à vida de quem é contrário ao seu regime e regras, que oferece poder e prestígio a jovens sem a menor perspectiva de vida. E quando a própria escola é obrigada a se submeter a certas “exigências” do tráfico de drogas?



Nestes casos, o problema se torna mais crítico, pois sabemos que a escola precisa ter uma postura clara frente à questão, mas como agir?

Uma pesquisa neste âmbito, se preocupando com o contexto cultural, com a realidade de mercado e, sobretudo, com as questões sociais e políticas envolvidas é muito importante para que se possa realmente falar não somente em Escola para todos, mas em Educação para todos; para que se possa realmente falar em formar cidadãos. Nunca se garantiram tantos direitos fundamentais ao homem, após árdua batalha de muitas gerações. Em contrapartida, nunca o homem se opôs tão evidentemente os seus semelhantes, através da criminalidade violenta, ou seja, indivíduos se atacam sem o menor pudor ou senso.

De acordo com estes posicionamentos esta pesquisa visa responder as seguintes questões:

- a- Qual tipo de pedagogia é aplicada a este aluno?
- b- Como pode ser a atuação da escola junto ao aluno que já trabalha para o tráfico de drogas?
- c- Como os professores se pensam a si mesmos neste embate com o tráfico?

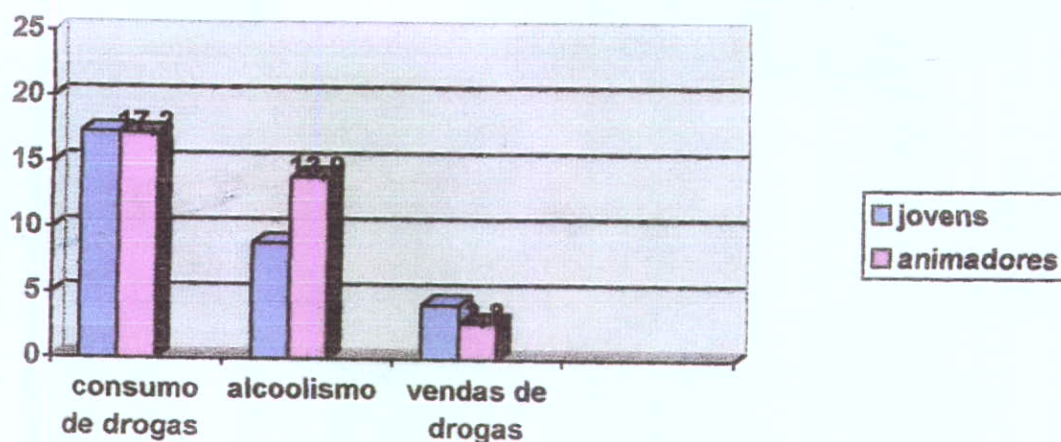
É de fundamental importância conceituar Drogas para somente depois mencionar o seu uso, consumo, prevenção, causas e efeitos do crescimento, desenvolvimento e comercialização crescente.

Droga é qualquer composto químico de uso médico, diagnóstico, terapêutico ou preventivo. Substância cujo uso pode levar à dependência. Substância entorpecente, alucinógena, excitante (Ferreira, 1910-1989, p. 247).

Mansur define droga como toda substância que quando introduzida no organismo vivo pode modificar uma ou mais de suas funções. As substâncias podem ser sólidas, líquidas ou gasosas (ingeridas, inaladas ou injetadas na corrente sanguínea ou absorvida pela pele). (1985, p.18).

Houve a preocupação em inibir o crescimento do uso e comércio voltado às drogas, pois as drogas, de um modo geral, são prejudiciais, provocando os seguintes efeitos no usuário: "alteração do sistema nervoso central; alterações sexuais, inicialmente as drogas produzem exacerbação da libido e depois uma diminuição do poder de execução do ato sexual; desequilíbrio orgânico; alterações respiratórias, circulatórias, digestivas, glandulares e urogenitais; confusão e desagregação mental; problemas sociais" (Cox, 1988, p. 22).

Fazendo uma avaliação recente do consumo de drogas, podemos afirmar, segundo Abramovay (2001, p.119), que o consumo de drogas (17,3%-jovens e 17,2%-animadores), o alcoolismo (8,9%-jovens e 13,9%-animadores) e a venda de substâncias entorpecentes (4,2%-jovens e 2,8%-animadores) são expressivamente indicados pelos jovens existentes nas escolas, montando um painel extremamente preocupante no que diz respeito ao alcance das drogas nas unidades escolares da rede estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro, como mostra o gráfico:



Fonte: Avaliação Escolas de Paz, UNESCO, 2000.

Para além de confirmarem uma série de denúncias, veiculadas principalmente pela mídia, a propósito da sujeição de escolas ao tráfico de drogas, tais dados têm o poder de ampliá-las, quando, além do consumo, situam esse tipo de comércio ilegal em seu interior. Desta forma, fica demonstrado que a frequência escolar, com contradição à idéia geral que considera a escola instância institucional capaz de “livrar” a juventude de práticas consideradas marginais pelo contrato social ainda em vigência, pode se constituir, na verdade, em uma das vias de contato dos jovens com tais práticas, com todas as implicações daí decorrentes.

*“A quase totalidade dos participantes desses grupos, situaram as escolas em áreas próximas ou praticamente dentro de locais de venda de entorpecentes e/ou em territórios francamente dominados pelo tráfico, cujo acesso, muitas vezes, dependeria da circunstância de “as bocas de fumo estarem ou não em pé de guerra”. Tiroteios com hora marcada, visando à medição da força bélica de grupos antagônicos do tráfico de drogas, situações de constrangimento ou proibição da liberdade de locomoção foram vivenciadas*

*durante a pesquisa pelos próprios pesquisadores” (Abramovay, 2001, p. 120-121).*

Estas, entre outras, são situações já bem conhecidas da sociedade brasileira, como também é de domínio público o enorme poder de penetração nas comunidades e corrupção dos chamados grandes líderes do tráfico de drogas.

Outro ponto a ser considerado, no que diz respeito ao comércio ilegal de drogas, é o fato de cumprir, além do papel perverso de engrossamento das estatísticas de homicídios entre a juventude, uma outra função capaz de lhe conferir cunho de verdadeira resposta social. Isto porque, segundo Minayo (1999):

“No Rio, o crime organizado floresceu e se institucionalizou, espalhando o medo e também abrindo perspectiva de trabalho e ascensão social para uma quantidade de jovens para quem as políticas públicas têm apresentado escassas alternativas” (p.73).

De forma geral, tanto os dados quantitativos como os inúmeros relatos ouvidos no estudo sobre a questão das drogas dão conta de que esse mundo, acompanhado de uma série de discussões acerca dele, encontra-se bastante perto dos jovens, em dimensões que vão desde a proximidade física e territorial, passando pela referência de prática ou conduta – quase sempre negativas, até instâncias envolvendo, velada e subliminarmente, perspectivas futuras, principalmente de trabalho na rede organizada e competitiva que caracteriza o tráfico. Encontrou-se, portanto, uma situação previamente delineada, em que todos os jovens possuem algum tipo de opinião, experiência ou envolvimento com o assunto. (Abramovay, 2001, p. 125-126).

O que mais dói nesta miséria que estes jovens vivem é a ignorância que eles têm de si mesmos. Confrontados com a ausência de tudo, os jovens buscam não abster-se do sonho e desarmando-se do desejo de serem outros através das drogas. Existe no nada essa ilusão de plenitude que faz parar a vida e anoitecer as vozes.

Entrando na dimensão escolar, só resta um bom lugar a ser ocupado pelo professor, que é o de um terceiro (além dos pais e amigos) aceito e reconhecido pelo grupo. Esse é, evidentemente, um lugar um pouco vago, flutuante e difícil de manter, pois encontra-se numa “tensão” entre a exigência individual, afetiva e os critérios coletivos, grupais. Esse “terceiro”, o professor, tem características especiais: ele é de fato aquele que, supostamente, “sabe”. Ele atrai, polariza, funciona como um ímã em relação às curiosidades dos jovens. Seria preciso lembrar aqui que o pensamento se constitui a partir de uma atividade de ligação entre elementos (informações), sob a

influência de três ordens de força: o amor (elo A), o ódio (elo B) e o elo de conhecimento, que prefiro chamar de curiosidade (elo C)? Em períodos de descoberta e abertura em relação ao mundo, de mudança, o elo C assume uma importância especial, Mas, mesmo quando o adolescente é curioso apesar de suas reservas e reticências (defesas contra o desconhecido angustiante), ainda assim é preciso que ele navegue entre o desejo de conhecer e o medo de saber e decepcionar-se. Também não se deve cair na armadilha que desvendar, de demonstrar a quem desejaria ser surpreendido. Para superar as miragens sedutoras e detestáveis desencadeadas pelos adolescentes sem que eles saibam, as formas pedagógicas só podem apoiar-se sobre o papel desse terceiro elemento, o professor, em relação às condutas viciantes do grupo.

## CAPITULO 1

### CRIME ORGANIZADO – TRÁFICO DROGAS

O crime organizado não é apenas uma organização bem feita, não é somente uma organização internacional, mas é, em última análise, a corrupção da legislatura, da magistratura, do Ministério Público, da polícia, ou seja, a paralisação estatal no combate à criminalidade; é também uma inércia da sociedade civil organizada perante essa população que vive à margem.

No Brasil, não conseguimos vencer uma justiça que esteja paralisada pelo crime organizado. Justiça não só no sentido judiciário, mas no sentido de todos trabalharmos para dar a cada um aquilo que é seu.

Não há que se negar que os criminosos espelham-se nas práticas mafiosas, no tocante à hierarquia, à disciplina. Mas nem os atuais componentes das máfias, nem os integrantes das organizações criminosas conseguem reproduzir a faceta que manteve vivo aquele tipo de criminalidade, de balde todos os esforços para o seu combate – a honra.

Diferentemente das máfias antigas, as organizações criminosas atuais buscam o lucro pelo lucro, independentemente dos meios utilizados para serem alcançados os fins almejados – o enriquecimento rápido. Não precisamos ir muito longe para percebermos tal mudança dentro das próprias organizações criminosas.

Antigamente, os criminosos eram tão respeitados que, o local onde obtinham suas atividades era sagrado. Ninguém era ousado o suficiente para romper as regras do jogo. Ambos visam o lucro, porém os próprios criminosos se preocupavam com a vida da comunidade, com a escola.

Logo que iniciei meus trabalhos em 1994, em duas escolas (A e B), situadas em Bonsucesso no complexo da Maré, o tráfico era dominado pelo traficante conhecido

como Jorge Negão. Ele fazia questão que as crianças estudassem, não admitia ver criança na rua em horário escolar. Quando isso ocorria, a criança ficava de castigo pelo tempo determinado por ele sem poder "colocar o nariz para fora de casa". Ele dizia que fazia questão que as crianças tivessem um futuro melhor que o dele.

Quando foi assassinado, o tráfico passou a ser dominado pelo traficante conhecido como Gigante. O mesmo já não dava tanta importância à formação das crianças. Inclusive o espaço escolar passou a ser menos respeitado, ocorrendo arrombamentos para roubo de materiais e aparelhos eletrônicos; "invasão" da quadra pela própria comunidade, onde crianças e rapazes utilizam o espaço para jogos de futebol, soltar pipas ou até mesmo fumar maconha, inibindo os próprios profissionais da escola na utilização deste espaço. Nos horários de recreação e aulas de educação física, passou a ser utilizado o pátio da escola.

Nestes dois casos, a escola foi obrigada a recorrer "aos donos da favela" para tentar solucionar tais problemas.

Com relação aos furtos, a escola não podia comunicar à polícia sob o risco de sofrer represálias. Não é permitido a solicitação de policiais naquela área, portanto a única solução encontrada foi comunicar ao chefe do tráfico e pedir providências, o que de fato aconteceu. Em poucos dias os aparelhos eletrônicos foram encontrados e devolvidos à escola, e os supostos ladrões castigados com penas estipuladas pelo chefe como: ter as mãos queimadas, ser expulso da comunidade e levar surras.

Hoje em dia, o mesmo não ocorre. A escola é furtada e nenhuma providência é tomada pelos chamados "chefões".

Um exemplo disto, ocorreu inclusive há pouco tempo na escola A. Um aluno da turma de progressão (alunos fora da idade/ano escolar), se tornou viciado pois tinha alguns "amigos" que lhe davam maconha, isso se repetiu por aproximadamente 15 dias. Passado esses 15 dias, tais amigos passaram a lhe cobrar pela droga, ou seja, passaram a vendê-la. O aluno que tem apenas 10 anos de idade, não trabalha e começou a furtar para manter o vício, até o vídeo cassete da escola foi furtado. O aluno esperou o horário das 17 horas, quando o movimento de alunos e professores dentro da escola é pouco, e foi até a sala de vídeo que estava destrancada e furtou-o.

O fato foi encarado por "todos" da comunidade como algo normal e corriqueiro, ou seja, a escola que antes era encarada como "sagrada", devido à postura dos próprios chefões da favela, agora tornou-se lugar comum, sem prestígio.

Com relação à ocupação do espaço físico da escola por pessoas para fumar maconha, jogar futebol na quadra no horário escolar, quando as crianças deveriam estar tendo aula de educação física, o problema na escola A é um pouco difícil de ser solucionado, pois a escola fica numa área totalmente devassada, sem muros e portões; já na escola B o problema foi solucionado. Na escola B o que ocorria era o seguinte: todos os dias no horário de chegada da Diretora na escola, por volta das 7 horas da manhã, encontravam-se no pátio da escola, rapazes drogados que catavam guimbas dos cigarros de maconha fumados durante a noite e madrugada, e que ficavam pelo chão. Tais rapazes encaravam a diretora da escola com a intenção de intimidá-la e depois de mais ou menos 30 minutos se retiravam do pátio, pois já estava no horário de entrada das crianças.

A diretora, não tendo em vista outra solução, chamou o traficante responsável pela área da escola B e lhe contou o que estava acontecendo. O traficante que tinha uma postura de total respeito diante da escola, não entrando sequer de chinelo e sem blusa, e tratando a todos por senhora, disse para a diretora não se preocupar, que este fato realmente não podia acontecer, se os garotos quisessem fumar que fumassem bem longe da escola, inclusive disse a diretora que tais "moleques" só iriam fumar agora com o capeta, pois era inadmissível tal desrespeito à escola. Realmente o fato não aconteceu mais. O que aconteceu com os rapazes não sabemos.

A escola, muitas vezes recorre aos traficantes para resolução de certos conflitos. Isso não significa, que esteja apoiando as práticas criminosas dos traficantes. Lamento o fato da escola não conseguir encontrar estratégias para lidar com tais problemas e não poder contar com o poder público e com a "sociedade civil organizada", pois ambos parecem fingir não perceber tal realidade.

Outro fato que caracterizava a organização do crime e que hoje em dia está um pouco abandonado era a função dos olheiros, que não se preocupavam somente com a entrada da polícia, mas de qualquer pessoa estranha à comunidade. Um exemplo disso foi quando fui me apresentar na escola para assumir minha turma. Fui de ônibus, não conversei com ninguém, nem sequer pedi informação, e quando cheguei à escola, a diretora já havia sido avisada por um membro da comunidade que estaria chegando à escola uma nova professora. Hoje em dia, muitas professoras novas chegam e esse fato só é absorvido pelos bandidos depois que já começaram inclusive a lecionar na escola.

Estes fatos demonstram claramente que o recrutamento, pelo tráfico, de "soldados" cada vez mais jovens, juntamente com estas novas formas criminosas:

organizadas faz com que o crime organizado e, evidentemente, o tráfico de drogas tenha esta conotação mais monetária e mais sanguinária.

Segundo Minayo (1997), o tráfico de drogas potencializa e torna mais complexa a violência. A disputa de territórios faz da violência uma estratégia para disciplinar o mercado e os subordinados. Na década de 80, com a institucionalização do tráfico, as estatísticas criminais aumentaram ainda mais. Com a criação de diferentes facções criminosas na década de 90, estes dados se confirmaram. Podemos ter como exemplos situações vivenciadas dentro destas duas escolas situadas no Complexo da Maré.

Este é um problema grave enfrentado por essas duas escolas que têm o seu domínio dividido entre duas facções rivais do crime organizado: O Comando Vermelho e III Comando. Atualmente já existe uma terceira facção tentando o domínio daquelas comunidades, que é a ADA – Amigo dos Amigos.

O desfile cívico organizado pela CRE responsável por estas escolas é obrigatório às mesmas. Este desfile, onde participam todas as escolas daquela área administrativa, ocorre em uma praça da Maré. O que a CRE não leva em consideração é esta divisão territorial estabelecida pelas facções criminosas. Em certa ocasião, um de nossos alunos que não poderia pisar naquele território foi participar do desfile cívico; dois indivíduos que não eram alunos de nenhuma escola, resolveram acertar as contas com o nosso aluno. Foi uma situação complicada para a professora do aluno em questão, pois os dois indivíduos começaram a puxar o menino para um canto dizendo que iriam "apagá-lo". O aluno desesperado gritava para que não fizessem isso e se debateu tanto que conseguiu se desvencilhar dos indivíduos. A professora, nervosa, foi até os rapazes e pediu que eles não acertassem as contas com o menino naquela hora, porque ele estava sob sua responsabilidade e precisava voltar com ela para escola. Os indivíduos pararam de perseguir o menino, mas se sentiram enfrentados pela professora e passaram todo o desfile cívico encarando-a com o intuito de intimidá-la, como se fosse um aviso para que não tivesse nunca mais uma atitude dessa.

Essa rivalidade entre as facções acabam prejudicando todo início do ano letivo. Em fevereiro é quando as guerras para a tomada de pontos de venda de drogas é mais acentuada. Durante a madrugada ocorrem tiroteios. Quando chegamos na escola, a favela se encontra completamente deserta. Em torno de mais ou menos quinze minutos após a nossa chegada, surge algum mensageiro dizendo para não abrir a escola, pois o tiroteio irá recomeçar em breve, só estão dando uma pausa.



De fato as crianças nem aparecem. Muitas vezes somos inclusive proibidos de permanecer dentro da escola, somos obrigados a sair da comunidade. Outras vezes, o aviso de que haverá tiroteio chega quando nossos alunos já estão em sala de aula. Os próprios responsáveis vão chegando para buscar os alunos e dão notícias de que a escola precisa ser evacuada e fechada antes que o tiroteio comece, senão depois mais ninguém conseguirá sair de lá.

A escola A fica na fronteira entre as duas facções e por isso recebe grande influência de tal guerra de domínio. Quando há algum aluno que os responsáveis não vão buscar, há a necessidade de se manter a escola com algum profissional lá dentro, correndo risco de vida, juntamente com tal aluno. O risco de vida realmente há, pois como fica na fronteira, a escola se torna um alvo fácil, quase que um escudo. As paredes são todas perfuradas por balas de armas de fogo. Inclusive, como já foi dito anteriormente, a escola é totalmente devassada, ou seja, sem muros altos, pois se tentou construir um muro em redor da área pertencente a escola, mas os próprios traficantes o derrubaram, porque o muro atrapalharia a visão dos grupos oponentes caso houvesse alguma tentativa de invasão.

Os avisos de que haverá tiroteio, por vezes, chegam tão em cima da hora de começar, que nós profissionais da escola somos obrigados a nos jogar no chão da escola, para nos abrigarmos ou, quando dá tempo, saímos da escola escoltados pelos soldados do tráfico como uma forma de suposta proteção.

É inacreditável o número de homens nunca visto antes que surge nas ruas para a "batalha". É assustador, mas infelizmente como educadores, não podemos fechar os olhos para tais acontecimentos, pois nossos alunos assistem, vivenciam e até participam de tal guerra.

Segundo Alvito (1999), ainda no contexto da organização do tráfico de drogas, nas comunidades maiores, a atividade ligada ao tráfico apresenta diversas especializações – por exemplo, mulheres que confeccionam os papelotes (endoladoras), meninos que são vigias (olheiros), meninos mais velhos que efetuam as entregas (aviões) ou vendem em pontos da favela (vapores), adolescentes que patrulham a área, ostensivamente armados (seguranças), encarregados da contabilidade, as relações públicas junto à comunidade e, finalmente, o "dono do tráfico".

Como podemos ver, esta é uma organização empresarial, que conta não somente com os "funcionários" citados acima mas com "patrões" do alto escalão social.

De acordo com Moreira (op. cit.),

*“Estabelecidos nestes locais, os ‘chefes’ e ‘gerentes do movimento’ adquirem armas, dinheiro e autonomia a fim de conquistar o poder necessário para arrematar a quantidade de pessoas que consideram adequadas para desempenhar funções hierárquicas e difundir o negócio. Tanto estes como aqueles geralmente são jovens, pobres, residentes nos próprios morros e tornam-se os componentes mais visíveis do tráfico, aparecendo aos olhos do senso comum como os ‘agentes portadores da violência’ e nas estatísticas como o segmento populacional mais afetado pelas mortes violentas. Com sua delinqüência e óbitos encobrem os setores mais lucrativos, como a importação da droga, seu refino, transporte, lavagem e reinvestimento do dinheiro obtido, que só podem ser operacionalizados por pessoas de posição social e financeira destacadas, que tenham influência política e bons contatos no poder público e no mercado de capitais. (Moreira, 2000).*

Os antigos chefes mafiosos eram reconhecidos e respeitados como tal, pelo poder de força e do medo. Os atuais chefes criminosos misturam-se na sociedade de forma subreptícia. Quantas vezes surpreende-se a sociedade ao saber que figuras até então idolatradas nas colunas sociais por suas conquistas e feitos profissionais transmudam-se da noite para o dia em malfeitores pela prática de diversos tipos penais. Igualmente as atividades lícitas são envolvidas pelas atividades ilícitas de forma imperceptível, tornando difícil o efetivo combate.

No discurso de Biscaia (1997), percebemos claramente que o tráfico de drogas pode ser visto como o maior responsável pelos crescentes índices de criminalidade e violência no Brasil, pois crimes como seqüestros, assaltos a bancos, estão ligados aos traficantes, que se organizam em um poder paralelo que desafia as autoridades, coloca populações sobre seu domínio e corrompe o aparelho policial.

Quanto a este último, isto é fácil de se detectar. As torturas e extorsões cometidas pela polícia são feitas a luz do dia: policiais entram na comunidade em suas viaturas, entram em determinados bicos e saem calmamente contando notas de dinheiro; Policiais entram na comunidade em suas viaturas e quando descem delas, abordam jovens pedindo documentos, os mesmos que muitas das vezes foram só a padaria, por exemplo, não portam sua carteira de identidade:

“ – Os políça batem na cara da gente sem a gente ter feito nada, é só pra esculachar”.

“ – Quando me levaram pra delegacia me queimaram com cigarro e me deram porrada”.

Estes fatos que captei no Complexo da Maré ao meu ver, são exemplos do crime organizado, da violência estrutural.

*“O caráter autoritário da formação brasileira gerou uma violência estrutural, basicamente expressa nas desigualdades dos níveis de vida: na violência da fome, da miséria, da necessidade. Isto podemos imputar ao autoritarismo ou a ausência de uma proposta igualitária e de justiça nesta sociedade hierarquizada que gira em torno da manutenção de privilégios de uma pequena classe que sempre caracterizou o Brasil” (Costa, Jurandir Freire, 1986).*

Aos traficantes de drogas, a fogueira da inquisição, a prisão de um traficante de bairro é noticiada na imprensa como uma grande conquista das instituições de segurança pública – uma grande quadrilha foi desfeita.

E assim ocorre o combate ao crime organizado.

“Esses que estão lá fora também são criminosos. Aqueles que colocam a gente aqui na cadeia, são criminosos como a gente. Não viu o Collor? (R.S.A; 34 anos seqüestrador e homicida).

Nós tratamos os criminosos como se fossem “desviantes” de nossa moral, como gente que se perdeu na virtude e caiu no pecado, no mundo do crime. O que eles são, são os novos empregados de uma multinacional. O único emprego que lhes foi oferecido: a mega-empresa da cocaína. Ela trouxe o poder sobre as comunidades que, somado à ignorância e à miséria, criou a crueldade sem limites. Segundo Jabor, os bandidos violentos são quase uma mutação da “espécie social”, fungos de um grande erro sujo do qual nós somos cúmplices.

A droga e as armas vêm de fora do país. Eles são globais. Nós somos regionais. O combate ao crime passa pelo combate ao nosso descaso e à nossa incompetência.

O problema é de uma complexidade sem par.

A imprensa e até mesmo certas autoridades, vez por outra, têm se manifestado sobre o assunto e, não raras vezes, apresentam soluções simplórias para um problema de tamanha invergadura, por envolver inúmeras variáveis. Tem-se buscado minimizar as conseqüências sem, contudo, atacar as causas. Em regra, não são atacadas as causas e concausas determinantes de todo esse problema social.

Não basta a verborragia oficial. Providências urgentes devem ser tomadas. Indispensável é a vontade política nesse sentido. Falta vontade ou mobilidade de cada cidadão para mudar.

De modo geral, não há maior preocupação das autoridades competentes e da sociedade, em eliminar – principalmente nos grandes centros urbanos do país – os fatores considerados determinantes do aumento assustador do tráfico de drogas.

Se o Estado não ousar sair da sua função estritamente reprodutora, estritamente intervencionista, nesta ousadia criar redes aonde a relação entre o Estado, o Governo e a Sociedade Civil organizada e o setor Privado e as ONGs; se o Estado não ousar construir este espaço público e estatal, será inviável qualquer política sustentável e duradoura de combate à desigualdade e à violência, será impossível viabilizar uma real reflexão sobre a desorganização, a desagregação social.

## CAPÍTULO II

### O TRÁFICO DE DROGAS X INFÂNCIA E JUVENTUDE

#### 2.1 O Menor e a Criminalidade

A princípio, gostaria de deixar bem claro que tudo que está sendo relatado inclui crianças e adolescentes, pois enfatiza fatos observados e vivenciados com alunos entre 6 e 14 anos de idade, já que a legislação brasileira considera como criança as pessoas de zero a doze anos, passíveis, tão somente, em situação infracional (delinqüencial) ou de risco, da aplicação de medidas protetivas (art. 101 da lei n. 8.069/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente). A adolescência conta-se dos doze aos dezoito anos, encontrando-se os menores sujeito em caso de risco à aplicação das mesmas medidas protetivas e, em caso de prática infracional; a aplicação de medidas sócio-educativas (art. 112 da mencionada lei).

A convivência social destas crianças e jovens é um fator predominante para tentarmos compreender sua relação com a criminalidade (tráfico de drogas). A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para tentar compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha, ou seja, essas crianças e jovens têm um contato tão direto e diário com a criminalidade que acaba, mesmo que não aprovando, banalizando tais atos criminosos. Seu meio social é impregnado por uma grande inversão de valores: o bom é levar vantagem em tudo, quem não tem arma, não fuma, nem cheira é “mané”..., embora esta postura não seja privilégio somente das comunidades carentes.

O que podemos observar, claramente, é que as crianças e jovens das classes populares que cometem delitos, na grande maioria, já têm uma relação de normalidade

com a criminalidade, ou por ter sofrido vários tipos de violência. Por várias vezes, na hora do tiroteio, ouvi meus alunos dizerem quando tentava afastá-los da janela da sala de aula:

“– Que isso tia, vai a senhora pro corredor. Me deixa aqui que eu quero ver se acho o meu primo lá fora. Ele sempre faz parte dessa guerra”.

Os filósofos sociais falam hoje de “narcisismo”, referindo-se ao fato de que as normas da nossa vida diária se tornaram quebradiças e sem força de persuasão. Instituições de controle social, como o mundo profissional, a vizinhança, a escola, perderam a sua força para fixarem normas óbvias da vida em coletividade. Normas de conduta pré-estabelecidas, que não precisem ser sempre questionadas e que se compõem de um emaranhado de regras não discutidas tornam-se anacrônicas. No seu conjunto, a tendência atual caminha para o isolamento e a “dessolidarização”, para um fortalecimento social dos já fortes (traficantes) e um enfraquecimento dos fracos (comunidade).

Firma-se, então, o contrato social, atribuindo poder àqueles que passam à condição de governantes para a manutenção da ordem, da paz e do desenvolvimento. Os traficantes (governantes) afirmam seu domínio na vida dos moradores, suprimindo, muitas vezes funções que caberiam ao Estado. Já presenciei no meado da década de 90, em véspera do dia das crianças, a distribuição de cestas básicas e brinquedos para a comunidade, o que não era bancado pelo Estado e sim pelos chefões da favela.

*“Jovens que vivem uma situação de vulnerabilidade pessoal aliada a uma vulnerabilidade social, a uma convivência familiar desfavorável e outros fatores podem ter tendências violentas em seu comportamento. Porém, temos que ter cuidado para não generalizar, pois existem jovens criados em ambientes muito violentos que rejeitam essas atitudes. Da mesma forma, jovens criados em ambientes não violentos podem assumir atitudes violentas. O ato infracional pode ser visto como o resultado de valores adquiridos no grupo social no qual os jovens estão inseridos, somadas às falhas do Estado e da sociedade na criação de possibilidades de ascensão social. É possível dizer que existe uma relação dialética entre o indivíduo e as condições sociais que o cercam, por isso sua escolha pode ser a aceitação ou a negação do que tem”. (IETS, 2001: 9)*

O que efetivamente conta não são as coisas que nos acontecem. Mas, sobretudo, a nossa relação frente a elas.

Cada ser humano deixa, portanto, de fazer parte de um todo maior, negando o conhecido canto espartano “nós somos aquilo que vós fostes; nós seremos aquilo que

vós sois” e passa a viver segundo as regras dos pequenos grupos que o circunda ou nos quais ingressa intencionalmente. Porque vive o presente (consumista), atribui importância a bens, negando valores reconhecidos e tidos como naturais. O “não pertencer” que é imposto ao cidadão a nível social é por ele interiorizado. A impaciência, a omissão, a falta de amor, o descompromisso, tudo gera o vazio e a solidão. O que temos é uma cultura da desigualdade.

A desigualdade é perversamente construída. A diferença é construtiva e enriquecedora, garante a autenticidade, o direito à identidade, à diferença cultural. A desigualdade traz a semente da hierarquia, do superior e do inferior. Ela traz a semente da discriminação, que muitas vezes gera o ódio. Esses fatores transmutam-se em violência física, estrutural ou emocional, que cria um ciclo negativo incontornável.

O consumo e o tráfico de drogas fazem parte deste círculo vicioso. Este tipo de crime é comum em todas as classes sociais, sendo geralmente detectado e punido nas classes sociais de menor poder econômico.

As expropriações das condições básicas de saúde, educação, habitação, emprego para os seus pais, discriminação racial e ética, religiosa, de gênero, de conflitos e diferenças, a desigualdade, a alienação nas relações, o menosprezo de valores e normas em função do lucro, o consumismo, o culto à força, o machismo, o exagerado crescimento demográfico, o desequilíbrio na distribuição de renda, gerando conseqüentemente, uma multidão de marginalizados e o surgimento de favelas e de conglomerados urbanos, o ócio, principalmente da juventude, por falta de oportunidade, são fatores que contribuem para a expansão desta violência.

Na escola onde trabalhei, houve um acontecimento que descreve de forma única estas expropriações. O fato ocorreu com um aluno de 8 anos de idade, da turma do 1º ano do 1º ciclo. Sua professora resolveu lançar os fonemas com ch a partir da palavra chave chuveiro. O aluno que sempre ia à escola com um odor quase insuportável, perguntou a professora o que era aquilo (chuveiro). A professora surpresa lhe explicou o que era um chuveiro e depois, a sós, teve uma conversa com o tal aluno. Ela pôde detectar que o menino realmente não conhecia o objeto chuveiro, pois em sua casa não havia um. Ele só tomava banho de corpo inteiro quando chovia, ou seja, só tomava banho de chuva.

Outro aluno não tinha porta na sua casa, ela ficava no 2º andar (sobrado) e foi construída sem escada de acesso. Todos os dias o menino era obrigado a escalar um poste, pular uma “sacada” e entrar pela janela para chegar em casa. O fato foi

descoberto porque o aluno estava tendo “problemas de comportamento” dentro da escola, ele estava pulando o muro da sala de aula (CIEP, meia parede), ao invés de utilizar a porta. Será que este aluno realmente apresentava problemas de comportamento como avaliou a professora e a diretora da escola?

A principal causa desses comportamentos “atípicos” em escolares, pelo que pude observar, é sem dúvida, os diversos tipos de violência que este indivíduo recebe.

São essas desigualdades sociais que se tornam uma falta de expectativa social, de um bom trabalho honesto, concomitadas com as facilidades oferecidas pelo tráfico de drogas e com a banalização da violência, que muitas das vezes impulsionam os jovens para o seu ingresso no crime organizado. Como diria Boff: “eu sou do tamanho do que vejo e não do tamanho da minha altura”.

Em toda situação de abandono está presente uma tentação e uma chance.

Um dos argumentos mais repetidos para os jovens pobres é o de que vender drogas é um bom negócio, a promessa de retorno financeiro fácil e a visão de elevação do status social, dada por certos grupos ligados a atividades ilegais, direcionam crianças e jovens para essa “escolha” de trabalhar no tráfico de drogas.

O tráfico passa a representar para eles o único meio de satisfazer muitas de suas necessidades e desejos. Valores e identidades vinculados ao trabalho que serviam de diferenciação da população pobre em relação aos “bandidos” vêm sendo rompidos, principalmente pelas reformulações presentes no mundo do trabalho. Tal questão vem levando grandes contingentes dos jovens pobres a se tornarem cada vez mais seduzidos pela oferta do tráfico e, por consequência, sejam também suas vítimas.

Os menores não encontram gatilhos contentores na comunidade, na família, na religião e nas escolas. É hora de buscarem novos ídolos – os detentores de poder e da mágica capacidade de fazer com que se sintam bem – os criminosos, os traficantes de drogas, possuidores de substâncias capazes de possibilitar a fuga de um mundo real e inóspito para um mundo onde se encontra o bem-estar físico e emocional, mesmo que fugaz.

Surgem os criminosos, então, como “garantidores” da proteção física e emocional dos menores, em substituição às instituições, incluindo a sociedade, que falharam. Inicialmente são eles benevolentes e sedutores, tudo oferecem, nada cobram. Tornados dependentes em drogas, as crianças e jovens fazem tudo para conseguirem cada vez mais e para ascenderem na hierarquia criminosa que lhes trará ganho fácil, pena que muitos morrem antes.



Já tive um aluno assassinado pelos traficantes por estar devendo uma quantia considerável à boca de fumo e, nem seus serviços como aviãozinho davam mais para pagar tal dívida, então os traficantes o assassinaram para deixar bem claro que ninguém “passa eles para trás”. Outro aluno foi assassinado por ter ido fazer assaltos no bairro da Ilha do Governador para poder sustentar o vício, pois o próprio tráfico não o queria como “funcionário” por não poder trazer nenhum lucro, o vício já havia dominado sua vida por completo, já não conseguia “emprego” nem no tráfico.

Além do consumo de drogas, outros fatores são importantes para o ingresso de jovens nesse tipo de criminalidade, são eles o consumismo e as armas.

“Ir a uma loja de roupas em um Shopping Center, escolher as peças que mais lhe agradam experimentá-las e adquiri-las são tão importantes e gratificantes para eles que por si só justificam o risco que correm no tráfico”. (Moreira, 2000: 109)

Para Zaluar (1993) os jovens são iniciados no crime, fascinados por uma “subcultura viril” que atinge diretamente a vulnerabilidade dos adolescentes, onde o que importa é a suposta valorização pela imagem e pelo uso da força (armas, dinheiro, roupas, drogas e mulheres).

Segundo uma pesquisa realizada pelo IETS, a forma de assalariamento e a carga horária desses “funcionários” do tráfico encontram-se da seguinte forma:

**Funções, Carga Horária – C.H – Semanal e Remuneração:**

Função	C.H semanal mínima	C.H Semanal máxima	R\$ mensal mínima	R\$ mensal máxima
Vigia	40	72	600,00	1.000,00
Embalador	12	36	300,00	1.400,00
Vendedor	36	72	1.900,00	3.000,00
Segurança	36	60	1.200,00	2.000,00
Gerente produto	60	72	2.000,00	4.000,00
Gerente Geral	60	72	10.000,00	15.000,00
Abastecedor	-	-	2.000,00	4.000,00

Tendo em vista esse quadro, podemos entender porque um dos argumentos mais repetidos para os jovens pobres é que vender drogas é um bom negócio, pois paga melhor que qualquer outro emprego e dá para sair da pobreza. Dizem que “otário” é quem trabalha por salário, pois tem muitas vezes, seus pais como exemplo, que, quando

conseguiam emprego, trabalhavam até 12 horas por dia para receberem um salário mínimo.

O jovem sabe que quando entra neste “negócio” deixa a vida no fio, que o dinheiro que entra fácil sai fácil; que o vício pode pegar; que a guerra entre comandos se torna interminável e as armas, caras; que são grandes os prejuízos. Sendo que o tráfico eleva a auto-estima dos jovens (dinheiro, poder), que geralmente está muito baixa. Para eles é melhor ter dignidade seja através da forma que fôr do que não ter nenhuma perspectiva de dignidade. Qualquer que seja a função exercida dentro do tráfico, esta é geralmente uma das poucas alternativas economicamente viáveis para este jovem.

A utilização da mão-de-obra infanto-juvenil pelos grupos criminosos organizados é circunstância indeclinável na sociedade brasileira atual, isto ocorre pelo fato de crianças e adolescentes serem “matéria-prima” facilmente moldável, controlável e descartável, em razão de sua imaturidade e fragilidade física. Segundo pesquisa realizada pelo IETS, até a primeira metade da década de 90, o ingresso das crianças não era uma estratégia comum ao tráfico, pois os “donos da favela” temiam a desaprovação da comunidade, a inexperiência para o trabalho e para o enfrentamento com a polícia e com outras facções e a falta de responsabilidade profissional.

A partir da segunda metade da década de 90 as crianças e os jovens passaram a intensificar o seu ingresso no tráfico basicamente por 4 motivos:

- 1) o custo menor da criança, em caso de prisão ou de extorsão da polícia;
- 2) maior disponibilidade para o grupo (crimes);
- 3) embriaguez pela adrenalina envolvida nos tiroteios, entra em confrontos sem o menor temor, e
- 4) as crianças e adolescentes, diante da pobreza funcional das favelas, fornece, aos traficantes uma mão-de-obra barata e descartável.

É interessante citar, que apesar da subreptícia, este tipo de atividade permite a circulação de boa quantidade de dinheiro fora da comunidade, principalmente nos shopping centers, já que o contingente de jovens nesta atividade (tráfico de drogas) é grande e, estes jovens não buscam acúmulo de riquezas com o dinheiro que recebem, eles buscam satisfazer seus desejos voltados ao consumo exacerbado, buscam status.

Esses estados paralelos detêm um poder tal que estima-se que movimentem US\$ 300.000.000,00 por dia, apenas com relação às atividades ligadas ao narcotráfico.

A sociedade que negou-lhes chances, fechou-lhes portas e os condenam é a mesma que abre as portas do shopping centers para que estes jovens “dêem asas” ao seu

consumo profuso. A sociedade de mercado pode invalidar, desprezar e desvalorizar o ser humano, mas nunca o seu dinheiro.

## 2.2 Escola X Tráfico de Drogas

Tudo o que foi explicitado acima é de fundamental importância, pois considero que para discutirmos a escola da qual estes jovens e crianças fazem ou faziam parte, é necessário identificar e tentar compreender as variáveis que melhor explicam o ingresso e a participação nesta atividade criminosa – tráfico de drogas.

Primeiramente gostaria de questionar a situação da escola que está em uma área predominantemente dominada pelo tráfico. Por se encontrarem imersas em comunidades onde o tráfico de drogas é dominante, escolas se deparam com um grande problema que é como não “ceder” ao tráfico se estão situadas em uma área considerada propriedade dos traficantes.

Canso de ouvir em aulas, palestras, debates, seminários que a escola deve manter uma postura rígida e muito bem definida com relação à influência dos traficantes dentro da escola. Como se a escola fosse um campo energizado alheio aos acontecimentos externos. Isso é um verdadeiro absurdo, pois como deixar “lá fora” da escola fatores relacionados à comunidade que está dentro dela.

Em uma ocasião, a escola onde trabalhei planejou com muita dificuldade, um passeio super-interessante com os formandos da 4ª série, só faltava o ônibus para levá-los. O “governo” mais uma vez foi omissivo, não fornecendo sequer uma resposta ao pedido de empréstimo de um ônibus para o passeio. As professoras responsáveis pelo passeio tentaram consegui-lo em uma empresa de ônibus situada dentro da própria comunidade. A resposta dada pelo diretor da empresa foi não. As professoras foram “obrigadas” a recorrer a ajuda de um dos gerentes da boca de fumo, que tinha inclusive uma filha que estudava na escola. O gerente pediu que sua esposa acompanhasse as professoras até a empresa e conseguisse o ônibus para o passeio da escola. Quando o diretor da empresa viu as professoras acompanhadas da tal mulher, concedeu o empréstimo do ônibus. Um fato interessante na ida até a empresa foi o respeito observado, que os moradores têm pela mulher do gerente da boca de fumo, todos a cumprimentavam pedindo bênção (a mulher não tinha mais de 25 anos de idade).

No meu ver, não acho correto que a escola tenha o tráfico como muleta, mas nestes casos o objetivo da escola era contemplar seus alunos.

O que poderia ser feito se estava claro que a empresa só não iria emprestar o ônibus por uma questão de descaso? Não havia tempo hábil para se organizar um evento, por exemplo, para arrecadar dinheiro e nem os alunos e nem a escola tinham como “bancar” tal ônibus.

Em outro caso, a escola estava sendo constantemente furtada por membros da comunidade, como foi relatado no capítulo II, a escola fica impedida de recorrer à polícia por medo de sofrer represália do próprio tráfico. A intervenção do chefe da favela se torna inevitável em condições como estas.

“A escola passa a ser uma extensão do espaço social do morro, onde a relação de poder é marcada por fronteiras simbólicas”. (Kalaf, 1993: 116). O narcotráfico aparece ora como o protetor, ora como o mediador, ora como o inimigo (relatos do capítulo II).

A escola traz em si um quadro de violência incutido. O próprio retrato estrutural da escola pública também é uma violência, é uma violência simbólica, ou seja, que fere sem usar armas. Seus prédios são depredados, suas paredes cheias de pixações, faltam materiais e equipamentos para o seu pleno funcionamento.

Embora nosso sistema educacional tenha saltado de seis milhões de pessoas, em 1950, para trinta milhões hoje, a verdade é que a escola pública brasileira não cresceu onde devia, nem como devia. O que se obteve com esse crescimento meramente quantitativo foi uma escola de mentira, incapaz até mesmo de cumprir a tarefa elementar de alfabetizar.

Com isso, a permanência da criança na escola cresce, o que acaba favorecendo o abandono. Isso ocorre porque estas crianças e jovens buscam ingressar no tráfico e, quando ingressam, o “trabalho” passa a lhe exigir maior tempo de dedicação; outro fator que contribui para este abandono é a falta de um currículo voltado para a realidade destes alunos, a falta de significado do que é ensinado os desestimulam e acarretam o fracasso escolar.

Infelizmente ainda é muito comum encontrarmos:

*“educadores alienados, envoltos nas névoas de sua pedagogia pervertida, que estão dispostos a firmar que o fracasso escolar da criança pobre se deve a deficiências que ela traz de casa. A escola não teria nada a ver com isso. Os professores enfrentariam, neste caso, uma situação carencial insuperável, em consequência da qual a maioria da população brasileira seria ineducável”.* (Darcy Ribeiro)

Nossa escola não é só seletiva, mas elitista, hostil à sua verdadeira clientela.

Estamos, como se vê, diante de um fenômeno que precisa ser explicado: como é que o Brasil consegue ser tão ruim em educação? Quem quisesse organizar um país com o objetivo expresso de alcançar, com tantos professores e com tantas escolas, um resultado tão mediocre, teria que fazer um grande esforço. Um país monolíngüe como o nosso, em que não há nenhuma barreira de ordem étnica ou cultural, conseguir ser tão mediocre no seu desempenho educacional é realizar, sem dúvida, uma façanha incomparável. Ainda que nada invejável.

Articular igualdade e diferença deveria ser uma das preocupações fundamentais da escola. Como afirma o sociólogo português Boaventura Souza Santos, “temos o direito de sermos iguais sempre que as diferenças nos inferiorizam; temos o direito de sermos diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza”. (apud Paiva, *Jornal do Brasil*, 10/09/95).

No caso destas escolas que atendem a uma clientela envolvida direta ou indiretamente com o tráfico de drogas, a situação é mais desesperadora e o trabalho mais árduo.

Como manter um aluno dentro de uma escola que cercea seu espaço físico entre quatro paredes, com justificativas de que há falta de espaço, de recursos, de pessoal... A escola exige um padrão de comportamento que vai na contramão dos interesses da vida da criança, naquele momento.

Ela tem lá fora um sedutor tão forte que lhe promete dinheiro e poder, tendo este jovem ou criança tantas necessidades e desejos a serem supridos.

O que vemos é que estas escolas situadas em uma área dominada pelo tráfico de drogas, onde seus alunos residem nesta mesma área, sofrem muito mais influência do tráfico do que influencia sobre ele ou sobre seus alunos pertencentes ao mesmo.

O único e importante fator que faz com que o aluno permaneça na escola é o trabalho do seu professor como um ser único.

Felizmente encontramos professores que fazem do seu trabalho um ponto positivo da escola para as crianças. Permitem que seus alunos apresentem seu cotidiano e suas idéias. É verdade, que são cenas de uma crueza e violência constrangedoras diante de pessoas tão jovens, mas são cenas sinceras, íntegras, palpáveis.

Em certa ocasião, como sou professora de uma escola dentro de uma área dominada por traficantes, onde estudam jovens e crianças como os relatados durante todo o trabalho, trabalhei com uma turma de 4ª série (9 a 13 anos de idade) o livro *Capitães de Areia*, de Jorge Amado. Por se tratar de uma história onde seus personagens têm características de vida iguais as dos alunos, embora passada no Estado da Bahia, eles se identificaram e todo o conteúdo programático do semestre foi trabalhado com base no livro. Com este referencial teórico pude, além dos conteúdos gerais, trabalhar questionamentos de uma série de coisas como o trabalho infantil, o uso de drogas, o amor, sem confrontá-los diretamente. Os próprios alunos eram os críticos da sua situação.

No final do semestre, que coincidiu com a Mostra de Danças promovida pelo município do Rio de Janeiro para as escolas da rede municipal, elaborei com os alunos uma coreografia para que se apresentassem no evento.

Por ter sido utilizado um tema (*Capitães de Areia*) que se relacionava com as suas realidades sociais, os alunos “incorporaram” os personagens de tal forma, que conseguimos a 1ª colocação na Mostra de Danças. Isso tudo serviu também para elevar a auto-estima destes jovens.

Outra experiência que comprova a real importância do papel do trabalho do professor está relacionada com um aluno que é militante ardoroso do tráfico de drogas.

Estudou na escola dos 7 anos de idade aos 14, sem conseguir passar da chamada 2ª série. Participou de turmas de aceleração da aprendizagem, mas nossos programas e planejamentos são totalmente desinteressantes e alheios a esse caso. A maioria dos professores utilizam metodologias iguais as utilizadas em escolas com retrato totalmente diferente.

Os tios deste aluno já eram pertencentes ao tráfico de drogas e foram o iniciando na “profissão”. Ele era um menino arteiro, porém carinhoso, mas foi se tornando ruim: ateava fogo no corpo dos rivais ainda vivos, cortava dedo dos devedores... Quando este menino faltava a aula, já sabíamos que algo de estranho estava acontecendo na comunidade. Era um indício de que havia a probabilidade de ocorrer algum enfrentamento com o grupo rival ou com a polícia.

Mesmo tendo abandonado a escola e estar trabalhando exclusivamente para o tráfico, até hoje ele me visita na escola para matar saudades e muitas vezes retorna a sua fase de criança, sendo carinhoso e precisando de carinho. Eu estava grávida e ele acompanhou a minha gravidez desde o início. Nos meses finais pedia inclusive para

acarinhar minha barriga. E me dizia que pedia a Deus para que ele fosse um bom menino.

Este acontecimento deixa bem claro que, a criança ou jovem empregado no comércio ilícito, geralmente não se interessa pelo campo educacional, mas não deixa de criar vínculos afetivos com sua vida escolar, desde que a afetividade tenha estado presente no seu período escolar, por parte principalmente do professor, pois esse é um grande diferencial para ele, já que não o tem na sua vida diária dentro da família, da comunidade.

Segundo Boff, o ser humano-águia é como um anjo que caiu de seu mundo angelical. Ao cair, perdeu uma de suas asas. Com uma só asa não pode mais voar. Para voar tem de abraçar-se a outro anjo que também caiu e perdeu uma asa. Em sua infelicidade, os anjos caídos mostram-se solidários. Percebem que podem ajudar-se mutuamente. Para isso, devem se abraçar e completar suas asas. E só assim, abraçados e juntos, com a asa de um e de outro, podem voar.

É assim que devem ser esses professores, que têm a preocupação de serem educadores, entre si e com seus alunos.

É claro que, o professor é ineficiente e incapaz de realizar um trabalho melhor não por opção consciente. Muitos professores sabem que precisam e gostariam de se aperfeiçoar para "ver seu trabalho surtir maiores efeitos". Mas como poderá esse profissional ter uma formação continuada se para ter um salário um pouco mais digno precisa trabalhar o dia inteiro, em várias escolas. O Governo não lhe oferece nenhum curso de formação continuada dentro da sua jornada de trabalho. Nem tempo para fazer um planejamento participativo o professor tem. Como melhorar sua atuação com uma formação de nível médio terminada, geralmente, há pelo menos 10 anos atrás? A maioria acaba optando pela acomodação, o que não poderia acontecer.

Nós, profissionais, somos muito fracos, porém singulares nestes casos. Os órgãos responsáveis não têm nenhuma preocupação ou interesse em elaborar algum programa que mobilize, específico para essas escolas. O que podemos fazer é tentar proporcionar a essas crianças uma sensação de que são crianças, de que são humanizados, pelo menos durante as horas que passam dentro da escola. Mudar sua realidade não acredito que seja viável fazendo um trabalho solitário, pois infelizmente não podemos contar sequer com a própria CRE ou Secretaria Municipal de Educação, que estão ligados diretamente à escola, quem dirá contar com o Estado e a sociedade como um todo para se fazer parceria.

## CONCLUSÃO

O que se pode concluir nesta pesquisa é que as gerações mais novas vêm-se envolvidas em um turbilhão de interesses e desinteresses. Do Estado, desacreditado; da família, geralmente abandonada ou violenta; das religiões, que perdem o seu poder espiritual; da escola, que pouco ou nada lhes transmitem para formação da cidadania; e dos órgãos minoristas estatais ou da sociedade civil que vivem degladiando-se ideologicamente entre si.

Divergem as opiniões sobre os fatores responsáveis pelo ingresso de crianças e jovens no tráfico de drogas. Segundo uma pesquisa realizada pelo IETS, pessoas envolvidas com o tráfico ou uso de drogas e seus familiares apontam a opção individual como elemento fundamental do ingresso no tráfico; já os profissionais, as lideranças comunitárias, os não usuários e os técnicos judiciários tendem a valorizar a pobreza e/ou a estrutura familiar, fatores externos ao indivíduo, como os elementos fundamentais do ingresso no tráfico.

Com relação à saída da rede do tráfico de drogas, vários indicadores mostram, segundo pesquisa de Marcos Lisboa, que é quase única depois do ingresso na criminalidade, é via morte, devido ao fenômeno da inércia.

O efeito inércia que domina o crime é o efeito de não subversão de expectativas de horizontes de futuro dessas gerações que entram no crime e que não percebem alternativa minimamente razoável e concreta de saída do crime.

“Morre-se geralmente porque se é só, ou porque se entrou num jogo maior que suas possibilidades. Morre-se muitas vezes porque se deve agir de forma artesanal e que, não se sendo ajudado, está-se destinado a apanhar balas”. (Giovanni Falcone)

Esses jovens precisam ter perspectivas de futuro para não ingressarem e saírem do crime. As políticas públicas só terão possibilidades de funcionarem desde que dêem



ao jovem estas perspectivas de futuro, que com certeza ele optará, na sua maioria, por não entrar no crime.

O Brasil é o único país da América Latina que não tem uma política pública, de forma consistente, voltada para esse público específico, para a juventude.

Em São Paulo há uma cooperativa organizada por jovens, chamada de 4P (Poder para o povo preto) que é basicamente organizada por um dos integrantes do grupo de hip-hop, Racionais Mc. Esta cooperativa tem funcionado com muito sucesso, pois sua marca virou moda dentro e fora da periferia, onde tem sua sede de fabricação de bonés. A renda de suas vendas circula dentro da própria comunidade. Ou seja, há idéias que podem dar certo, desde que associe ocupação e renda.

Precisamos, a priori, acabar com este modelo de cultura da violência, da exploração, da exclusão que acontece desde o início, desde a colonização do Brasil. Devemos abandonar conceitos pré-estabelecidos, como, por exemplo, o de que a exclusão social leva à criminalidade, observando cada ser humano como portador de dignidade, potenciais, esperanças e força para lutar por um futuro melhor.

Infelizmente a escola que deveria funcionar como grande instigadora dessas mudanças, por não estar preparada e não receber nenhum tipo de apoio, acaba se tornando mais uma conivente com estes pré-conceitos.

*"A estória do príncipe que virou sapo é a nossa própria estória. Desde que nascemos, continuamente, palavras nos vão sendo ditas. Elas entram no nosso corpo, e ele aí se transformando. Virando uma outra coisa, diferente da que era. Educação é isto: o processo pelo qual os nossos corpos vão ficando iguais às palavras que nos ensinam. Eu não sou eu: Eu sou as palavras que os outros plantaram em mim" (Rubem Alves).*

Essas crianças e jovens cansam de ouvir que são burras, incapazes, sem futuro. Os maus professores, por descompromisso ou por falta de informação, acabam reafirmando aquela velha história contada pelo Theodore Rozak, de uma sociedade de rãs que viviam no fundo de um poço. Como nunca haviam saído de lá, para todos os efeitos práticos, "os limites do seu poço denotavam os limites do seu mundo". É sempre assim. É difícil pensar para além da experiência, ou seja, a escola funciona como reprodutora de toda expropriação da qual estes jovens e crianças são vítimas.

Como diria Gilbert Valverde, "o maior crime que se pode cometer contra crianças pobres é ter pobres expectativas".

Há a necessidade do redimensionamento da formação do educador, o qual implica a negação de um tipo "ideal de educador", uma vez que não tem sentido a definição da sua competência técnica em função de um conjunto de atitudes e habilidades estabelecidas *a priori*. A ação do educador deverá, ao contrário, se revelar como resposta às diferentes necessidades colocadas pela realidade educacional e social. Para tanto, a sua formação deverá ter como finalidade primeira a consciência crítica da educação e do papel exercido por ela no seio da sociedade.

*"Esta alternativa traz em si a possibilidade do educador desenvolver uma "práxis" criadora na medida em que a vinculação entre o pensar e o agir pressupõe a unicidade, a inventividade, a irrepetibilidade da prática pedagógica" (Candau V.M. e Iellis, L.A. - Rumo a uma nova didática, 1989, p. 60)*

No jogo de poder em que finalmente se resume a problemática exposta, dificilmente se chegará a resultados positivos (evidentemente nunca a extinção de práticas criminosas, mas, ao menos sua diminuição) se comportamentos não forem modificados, posicionamentos revistos, opções políticas efetivamente fixadas e ampliada a educação como uma e a verdadeira propulsora do bem-estar. Temos andado há décadas em círculos e os criminosos fixam objetivos em linha reta, paciente e - porque não assumir - corajosamente percorridos. Conclui-se, assim, que suas ações se perpetram, antes de mais nada, em contrapartida a uma covardia e passividade visivelmente vigentes.

Precisamos, como um todo Escola, Estado, Sociedade Civil - nos mobilizar, agir e acreditar na modificação da ordem vigente.

**BIBLIOGRAFIA**

- MCKINNEY, John Paul. **Psicologia do Desenvolvimento do Adolescente e do Adulto Jovem**. Vol. III Ed. Campus.
- SOUZA, Edmilda R. de. **A Saúde em Foco**. Violência Social. Produzido pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.
- ASSIS, Simone Gonçalves de. **Crescer sem Violência: Desafio para Educadores**. Produzido pelo Centro Latino Americano de Estudo de Violência e Saúde – Jorge Careli.
- RIBEIRO, Darcy. **Educação no Brasil**.
- RELATÓRIO DE PESQUISA DO INSTITUTO DE ESTUDOS DO TRABALHO E SOCIEDADE - IETS. **Investigação sobre as Piores Formas de Trabalho Infantil**.
- ARATANGY, Lídia Rosenberg. **Doces Venenos – Conversas e Desconversas sobre Drogas**. São Paulo, Editora Olho d'Água. 8ª Edição, 1997.
- ARBEX JÚNIOR, José; Tognolli, Cláudio Júlio. **O Século do Crime**. São Paulo, Bontempo Editorial, 1996.
- CERVINI, Raul; GOMES, Luiz Flávio. **Crime Organizado**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1995.
- GUIMARÃES, Maria Eloísa. **Escola, Galéras e Narcotráfico**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998
- PROGRAMA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS – **Oficinas Aprendendo e Ensinando Direitos Humanos / Programa Nacional de Direitos Humanos**; Org.: Vera Candau e Maria Nazaré Tavares Zenaide – João Pessoa; 1999.
- BOFF, Leonardo. **A Água e a Galinha: Uma Metáfora da Condição Humana**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.